



**“PROPAGADOR DAS SCIENCIAS MEDICAS” E  
“SEMANARIO DE SAÚDE PUBLICA”: AS MOLÉSTIAS  
MENTAIS NOS PERIODICOS MÉDICOS BRASILEIROS  
(RIO DE JANEIRO, 1827-1833).**

Pedro Henrique Ferreira Danese Oliveira\*

**Resumo:** Este artigo busca analisar o modo como as moléstias mentais foram interpretadas nos primeiros periódicos médicos que surgiram no Brasil no começo do século XIX, período da criação da imprensa régia, que auxiliou na propagação do conhecimento científico e médico.

**Palavras-chave:** Loucura; periódicos médicos; medicina.

**“PROPAGADOR DAS SCIENCIAS MEDICAS” E “SEMANARIO DE  
SAÚDE PUBLICA”: THE MENTAL DISEASES IN THE  
BRAZILIAN MEDICAL JOURNALS (1827-1833).**

**Abstract:** This article aims to analyze the way mental illnesses were interpreted in the first medical journals that emerged in Brazil in the early nineteenth century, the period of the creation of the royal press, which helped propagate scientific and medical knowledge.

**Keywords:** Madness; Medical journals; medicine.

---

\* Doutorando do Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz- Fundação Oswaldo Cruz. PPGHCS/COC/FIOCRUZ. Área de atuação História da Psiquiatria séculos XIX e XX, Crime, Criminologia. Orientador: Dr. Flavio Coelho Edler. Bolsistas Capes. E-mail: pedro\_darknessmki@hotmail.com.

## Introdução

A chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, promoveu grandes transformações na cidade do Rio de Janeiro que, ao se tornar capital do Império, teve que se adequar à nova situação para atender às novas necessidades do governo português. Foi um acontecimento único, pois, até então, nunca um governante de uma metrópole havia buscado refúgio em uma colônia<sup>1</sup>.

O Rio de Janeiro, no momento da chegada da corte, apresentava um quadro urbanista completamente abandonado com a existência de esgotos a céu aberto, áreas alagadiças e clima insalubre. Essa realidade não era exclusividade dos cariocas, pois Salvador, a primeira cidade em que a frota portuguesa havia atracado, era assim caracterizada no começo do século XIX: “[...] ao desembarcar, as primeiras decepções assaltavam os viajantes. As ruas eram estreitas, irregulares, mal calçadas, sujas, com esgotos abertos, dentro dos quais se lançavam todo tipo de dejetos”<sup>2</sup>

Tais informações são relevantes para pensarmos as significativas mudanças com a chegada da Família Real, não apenas culturais e sociais, mas também nas práticas científicas; no cenário cultural e científico local, no qual ocorreu uma expansão urbana significativa.

Assim, estamos falando de inúmeras modificações na cidade, pois o principal desafio da corte portuguesa foi o de transformar aquela pequena aldeia em sede do governo português. Entre as diversas implementações, interessa-nos citar como um dos primeiros atos de D. João VI, em 13 de maio de 1808, a criação da Imprensa Régia, que a partir daquele ano passou a deter o monopólio das publicações oficiais e a editar a primeira publicação oficial impressa no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*. De fato, no

---

<sup>1</sup>MALERBA, Jurandir. A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808 a 1821). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>2</sup>REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 28.

período joanino, houve uma transformação fundamental para o desenvolvimento da ciência e da medicina brasileiras: o advento da imprensa<sup>3</sup>.

A criação das escolas médicas, também no ano de 1808, ocorreu logo após o desembarque dos portugueses, primeiramente em Salvador e depois no Rio de Janeiro, como demonstram os trabalhos de Fonseca<sup>4</sup>. A Escola de Cirurgia da Bahia foi fundada na cidade de Salvador, em 18 de fevereiro de 1808, sendo instalada inicialmente no Hospital Real Militar da Bahia, localizado no antigo prédio do Colégio dos Jesuítas, no Largo Terreiro de Jesus. Já a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro foi fundada em 2 de abril de 1808, data de nomeação do cirurgião português Joaquim da Rocha Mazarem (1775-1849) para a cadeira de anatomia, e funcionou inicialmente nas dependências do Hospital Real Militar e Ultramar, mudando-se mais tarde para o antigo Colégio dos Jesuítas no morro do Castelo.

Até a vinda da realeza, a educação no país estava relacionada aos colégios e seminários sob a direção dos jesuítas. Para estudar medicina, os brasileiros mais abastados tinham que ir para a Europa. Os destinos mais frequentes eram as escolas médicas das cidades de Edimburgo, Paris e Coimbra. Com a criação das escolas médicas locais, iniciou-se, ainda que de maneira bastante incipiente e com inúmeras dificuldades, o início do ensino acadêmico de medicina no Brasil. No ano de 1810, foram escolhidos três alunos entre os estudantes da Escola Anatômica Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro para aperfeiçoarem seus conhecimentos cirúrgicos em instituições europeias, principalmente em Edimburgo<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup>KURY, Lolerai. A cidade e os médicos no período joanino. In: SCOTT, Ana Silvia Volp; FLECK, Eliane Cristina Deckman.(orgs). A corte no Brasil: População e sociedade no Brasil e em Portugal no início do século XIX. São Leopoldo, RS: Oikos Editora, 2008. p.119.

<sup>4</sup>FONSECA, Maria Rachel Froés da. A saúde pública no Rio de Janeiro imperial. In COSTA, Renato da Gama Rosa; FONSECA, Maria Rachel Froés da; SANGLARD, Gisele; PORTO, Angela (orgs). História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2008. pp.31-57. Sobre o tema, da mesma autora ver também: FONSECA, Maria Rachel Froés da. A institucionalização das práticas científicas na Corte do Rio de Janeiro. In KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa (orgs.). Ensaio de história das ciências no Brasil. Das Luzes à nação independente. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. pp.293-305.

<sup>5</sup>FONSECA, Maria Rachel Froés da; EDLER, Flavio Coelho; FERREIRA, Luiz Otavio. A Faculdade de Medicina no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. Espaços da Ciência no Brasil (1800-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. pp.59-80. p.65.

No que diz respeito à consolidação do ensino médico, a partir de inúmeros debates foram propostas reformas que ocorreram ao longo do século XIX, com o objetivo de apontar as precariedades do ensino e reconfigurar as escolas médicas. Em 1813, elas passaram a ser denominadas Academia Médico-Cirúrgica da Bahia e Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro e seus currículos foram modificados de forma significativa com a inclusão de novas disciplinas. Com essa reforma, a exigência para ingresso tornou-se maior, já que, além do idioma francês, os alunos agora deveriam ter o conhecimento de língua inglesa. Outra alteração importante foi a ampliação do tempo de curso, de quatro para cinco anos, e o fato de que as próprias academias passaram a poder conceder diplomas a seus alunos, mas as licenças para práticos ainda continuavam nas mãos do físico-mor e do cirurgião-mor<sup>6</sup>.

Após a conclusão do curso, eram conferidas aos alunos as cartas de “aprovado” ou “formado” em cirurgia:

A primeira era concedida aqueles que apenas finalizassem os cursos, e a de formado ao que, além disso, frequentassem novamente as disciplinas dos 4º e 5º anos. O cirurgião “aprovado” poderia atuar somente no campo da cirurgia, compreendendo a realização de sangrias, a aplicação de ventosas, a cura de fraturas, contusões e feridas. O cirurgião “formado” estaria habilitado a realizar curas de cirurgia e também de medicina, incluindo o direito de tratar todas as enfermidades nos locais onde não existissem médicos licenciados pelas faculdades europeias<sup>7</sup>.

Outras reformas ocorreram, destacando-se a de 1820, quando a estrutura curricular foi completamente modificada e foram aumentadas as exigências para o ingresso naquelas escolas médicas. O processo de institucionalização da medicina ganhou novo impulso a partir de 1826, quando as escolas médicas ganharam autonomia para a emissão dos diplomas.

A proposta era não apenas de garantir uma boa formação profissional, mas prepará-los para serem multiplicadores da medicina, tornando-os capazes de difundir seu saber em seu retorno.

---

<sup>6</sup>FONSECA, Maria Rachel Froés da; EDLER, Flavio Coelho; FERREIRA, Luiz Otavio. A Faculdade de Medicina no século XIX. *op.cit.* p. 64.

<sup>7</sup>*Idem, ibidem.*

### **Surgimento da imprensa: dos periódicos oficiais aos primeiros periódicos médicos.**

Um dos primeiros atos implementados por D. João VI no país foi à criação da Imprensa Régia em 13 de maio de 1808, que tinha o monopólio das publicações oficiais e que editou, a partir daquele ano, a primeira publicação oficial impressa no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Em relação ao papel desempenhado e às características da *Gazeta do Rio de Janeiro*, Freitas afirma que o periódico “realizou esse papel de divulgador dos assuntos científicos, noticiando a produção de obras, a realização de cursos, a produção e venda de livros e textos científicos”<sup>8</sup>. Além das notícias e alusões, o periódico chegou a publicar memórias científicas.

Importante salientar as dificuldades encontradas para propagar as ciências neste começo de século XIX, pois como asseveravam os redatores da *Gazeta*, o desafio principal encontrado era:

A ideia de ciência enquanto saber desinteressado não teve clara acolhida tampouco seguidores notáveis, mas, ocasionalmente foi lembrada. A importância do desenvolvimento de pesquisa científica isenta de preocupações de ordem prática, como essencial para novos avanços científicos, era uma prerrogativa a que não se podia mais se abandonar<sup>9</sup>.

A partir da Imprensa Régia, tornou-se possível a publicação de periódicos, de livros, compêndios e de documentos do Império, embora a proposta da imprensa fosse a de controlar tudo o que fosse publicado, funcionando também como órgão de censura e restrição. Contudo, apesar de todas as medidas restritivas impostas pelo Governo Português (através de seu órgão censor), inclusive na distribuição de verbas para os jornais, podemos perceber falhas em relação à fiscalização do que era publicado, como corrobora o conteúdo de outro periódico, o *Correio Braziliense*, criado em 1808 por Hipólito da Costa, um adepto das ideias liberais.

Com a criação da imprensa, também foi possível a publicação de trabalhos relacionados às ciências através dos periódicos científicos e médicos. Assim, juntamente

---

<sup>8</sup>FREITAS, Maria Helena Freitas. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. Caderno informativo: Brasília, v.35, n.3, 2005, pp.54-66.

<sup>9</sup>*Idem, ibidem.*

com as escolas de medicina, as letras agora se tornam um importante veículo para a propagação dos conhecimentos científicos.

*O Patriota*, periódico criado em 1813 sob a influência dos ideais iluministas propagados no território brasileiro, acabou por se tornar o primeiro periódico brasileiro que tinha como objetivo a propagação das ciências. Caracterizou-se pela publicação, no país, de trabalhos escritos por brasileiros sobre os mais variados assuntos. Desta maneira, Kury<sup>10</sup> destaca sua importância demonstrando preocupação de seus autores em levar as luzes para a “população brasileira”. Para os editores de *O Patriota*, era importante iluminar a população através da disseminação dos saberes das ciências. Consideravam-se como uma ferramenta importante para a divulgação do conhecimento, pois “é uma verdade conhecida pelos menos instruídos que sem a prodigiosa invenção das letras, haverão sido muito lentos os progressos nas ciências e nas artes”<sup>11</sup>

O primeiro periódico médico editado no país, *O Propagador das Ciências Medicas*, surgiu em 1827, tendo como editor o médico francês José Francisco Xavier Sigaud<sup>12</sup> e foi publicado pela tipografia Imperial Seignot Plancher<sup>13</sup>. Tinha como função a divulgação de artigos sobre temas médicos nas mais variadas áreas. Os artigos muitas vezes divulgavam trabalhos estrangeiros traduzidos pelo próprio Sigaud ou matérias

---

<sup>10</sup>KURY, Lorelai (org). O iluminismo e Império no Brasil: O Patriota. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2007.

<sup>11</sup>O Patriota, jornal literário, político e mercantil do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n.1, janeiro de 1813, p.2.

<sup>12</sup>Nasc: Marseille, França, 1797; Falec: Rio de Janeiro, 1854. Doutor em medicina pela Faculté de Médecine de Strasbourg, estabeleceu-se no Rio de Janeiro em 1825. Foi um dos fundadores e presidente da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi também editor do primeiro periódico médico denominado, *Propagador das Ciências Médicas*, que circulou em 1827 e 1828. Autor de “Du climat et des maladies du Brésil ou statistique médicale de cet Empire” (Paris, Masson & Cie., 1844).

<sup>13</sup>Foi criado em 1827 por Pierre René Plancher (1799-1844), juntamente com a criação do *Jornal do Commercio*, e funcionou até 1834 quando seu dono teve que retornar à França. Plancher publicou os seguintes periódicos médicos: *Semanario de Saúde Pública*, *Propagador das Ciências Médicas* e *Diário de Saúde*. De acordo com Junqueira (2004) “foi após esse início titubeante das tipografias e do periodismo no Brasil que nasceu um jornal na década de vinte do oitocentos que perduraria até nossos dias — o respeitável *Jornal do Commercio*. O periódico foi fundado pelo francês Pierre René Plancher em 1º de outubro de 1827 e, o tipógrafo francês ainda atuou na edição e venda de livros. Depois de uma conversa com o Imperador D. Pedro I, acabou adquirindo um *brevet* de livreiro e obtendo o título de Impressor Imperial para si mesmo e de Tipografia Imperial de Plancher para seu negócio”. JUNQUEIRA, Julia Ribeiro. A História do Brasil através dos editoriais do *Jornal do Commercio* — edição comemorativa do centenário da Independência. In MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (orgs.). Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história? Ouro Preto: Edufop, 2009.

inéditas escritas por ele ou por alguns colaboradores. Seguia o modelo europeu que era o de divulgar o conhecimento produzido pelos médicos, “através da popularização da medicina e da ação pedagógica sobre os próprios médicos<sup>14</sup>”

Em relação a este periódico, podemos destacar que as edições foram publicadas em tomos e o número de páginas dos tomos era variado: Tomo I: 393 páginas; Tomo II: 332 páginas; Tomo III: 219 páginas e Tomo IV: 172 páginas. Tinha como principais seções: “*Medicina*”, “*Observações*”, “*Tratamento*”, “*Bibliografia Médica*”, “*Cirurgia*”.

O segundo periódico médico publicado em território brasileiro foi criado após o surgimento da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (SMRJ) em 1829, e intitulado *Semanario de Saude Publica*, em 1830. A justificativa para a criação do periódico foi apresentada por seu criador, José Francisco Xavier Sigaud, em um discurso lido na SMRJ e publicado na primeira edição do periódico:

Os periódicos iluminam a opinião pública, espalham a instrução em todas as classes, e assim alcançam o mais louvável fim, o de ensinar os povos, e de lhes lembrar por uma contínua repetição, e por uma lição diária, os seus direitos, os seus deveres. Também nas ciências os periódicos propagam as luzes, anunciam as descobertas, e tornam-se úteis ao maior número de homens que estudam, estreitando entre eles os laços de uma ativa emulação. Os sábios de todas as nações se comunicam entre si pelo intermédio dos jornais[...]<sup>15</sup>.

Percebe-se, novamente, que a justificativa apresentada por Sigaud a seus pares para a criação do periódico estava relacionada à propagação das luzes e do conhecimento, pois, de acordo com o autor, o conhecimento médico propagado através das páginas dos periódicos seria bastante benéfico para a população, e com o apoio de outros médicos, poderia haver um intercâmbio maior de saberes científicos nas mais variadas áreas do conhecimento médico.

O *Semanario de Saude Publica* foi criado por Sigaud em 1830 como veículo oficial da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, e tinha como proposta a

<sup>14</sup> FERREIRA, Luiz Otávio. Negócio, política, ciência e vice-versa: uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.11, supl.1, 2004, pp.93-107.

<sup>15</sup> SIGAUD, Joseph François. Plano de um jornal de medicina, apresentado a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, pelo Sr.Dr. Sigaud, e por este adoptado na sua Sessão de 21 de outubro de 1830. *Semanario de Saude Publica*, Rio de Janeiro, n.1, anno de 1831, pp.1-4.

propagação do conhecimento médico da época através de artigos originais publicados ou tradução de artigos estrangeiros. Era publicado semanalmente aos sábados pela tipografia Imperial Seignot Plancher. Entretanto, sua primeira edição só foi publicada em 1831 sem uma data específica, e a última em julho de 1833 (totalizando cento e cinquenta e cinco edições). O número de páginas variava entre quatro e doze, dependendo da edição. Tinha como principais seções: *Boletim da Sociedade*, *Boletim Universal das Sciencias Médicas* e *Correspondências Particulares*. Os principais colaboradores deste periódico eram médicos membros da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, entre eles: Luís Vicente de Simoni, José da Cruz Jobim, Joaquim Cândido Soares Meirelles, Francisco de Paula Candido.

Para Ferreira, o periódico seguia o modelo dos outros jornais médicos brasileiros do período, visando “a promoção da circulação do conhecimento e a publicação de matérias de interesse científico<sup>16</sup>”, entre outras funções. Entretanto, apesar de um provável sucesso no início, inclusive com a participação de leitores que não eram especificamente médicos, o *Semanario de Saude Publica*, do mesmo modo que o periódico citado anteriormente, encerrou suas atividades principalmente devido a dificuldades financeiras, embora fosse o periódico oficial da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.

### **A loucura nos periódicos médicos**

Com o surgimento dos periódicos médicos no ano de 1827, os estudos sobre a loucura passaram a ter um importante veículo para a sua divulgação no Brasil. Pode-se perceber, ao analisar os periódicos, que, muitas vezes, os sintomas associados às doenças mentais eram relacionados com outras moléstias como as febres, a cólera, e com problemas durante o parto, entre outros. Isto é interessante porque, *a priori*, demonstra que não havia um saber consolidado em relação ao alienismo no Brasil,

---

<sup>16</sup> FERREIRA, Luiz Otávio. Negócio, política, ciência e vice-versa: uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.11, supl.1, 2004, pp.93-107.

especialmente quando se considera que os médicos, neste começo de século, não separavam as doenças mentais de outras moléstias. Para melhor compreensão sobre a construção do saber médico em relação às moléstias mentais no Brasil, os artigos foram analisados isoladamente.

Em 1827, na primeira edição de *O Propagador das Sciencias Medicas ou Annaes de Medicina, Cirurgia e Pharmacia*, editado pelo médico José Francisco Xavier Sigaud, encontrou-se um artigo com a temática das doenças mentais, intitulado *Sobre as alucinações dos sentidos*<sup>17</sup>, o qual podemos deduzir ser uma tradução de alguns dos estudos do médico francês Antoine Laurent Jessé Bayle (1799-1858)<sup>18</sup>, que haviam sido publicados pela primeira vez no ano de 1822.

A importância do artigo está principalmente em deixar prova documental de que o estudo sobre as moléstias mentais havia entrado e se difundido no país (ainda que a inauguração do primeiro hospício no Brasil só fosse ocorrer em 1852), circulando já na primeira edição do periódico de Xavier Sigaud, o qual também demarcava a influência da medicina francesa neste processo. Destaca-se, ainda, o fato de que este trabalho não era de Pinel<sup>19</sup> e muito menos de Esquirol<sup>20</sup>, ou seja, podemos perceber que os médicos

---

<sup>17</sup>BAYLE, Antoine Laurent. Sobre as allucinações dos sentidos. *O Propagador das Sciencias Medicas*, Rio de Janeiro, tomo 1, anno 1, n.1, 1827, pp.9-39.

<sup>18</sup>Estudou medicina em Paris e foi residente de Antoine-Athanase Royer Collard (1768-1825) no asilo Charenton. Foi professor associado da Faculdade de Medicina de Paris. Para mais informações ver: FIGUEIREDO, Gabriel. Crime e loucura - o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século. *Revista de Antropologia São Paulo*, v. 41, n. 2, 1998, pp. 227-233.

<sup>19</sup>(1745-1828), nasceu em uma família de vários médicos e optou primeiramente pelos estudos de teologia, na cidade de Toulouse, e depois formou-se em matemática. Finalmente, foi na Faculté de Médecine de Toulouse que Phillippe Pinel doutorou-se, em 1773, em medicina. No ano de 1801, Pinel publicou sua principal obra, o *Tratado Médico Filosófico sobre a Alienação Mental*, no qual apresentou o resultado desses anos de estudo, com uma proposta sistematizada para o tratamento dos considerados doentes mentais. Nesta obra são calçados os principais conceitos do alienismo e do tratamento moral no começo do século XIX. Dessa forma, Pinel demonstrou para os médicos da época como tratar os alienados mais de acordo com os princípios da medicina moderna e ao mesmo tempo guiado pela filantropia iluminista. Sua nosografia divide-se em: Mania, melancolia, demência e idiotia.

<sup>20</sup>Jean Etienne Esquirol, nascido em 1772, foi aluno de Pinel e é apresentado muitas vezes como o sistematizador do alienismo. No ano de 1811 sucedeu seu professor como médico chefe em Salpêtrière e, no ano de 1819 publicou um importante trabalho sobre as condições precárias dos hospícios no continente europeu, Participou ativamente da reforma realizada nos hospícios franceses em 1838, ano em que foi aprovada a lei para os alienados na França, lei essa que “tratava das questões relativas à construção e funcionamento de estabelecimentos destinados aos alienados, às internações e às altas – descrevendo os procedimentos necessários e à administração dos bens dos alienados. Esquirol incluiu outros gêneros de alienação em sua classificação, a qual era mais complexa do que a de seu professor e mestre. Sendo assim, ele propôs a organização das moléstias mentais em: demência, mania, idiotia, lipemania (sendo

no Rio de Janeiro estavam bem atentos ao que se produzia mais recentemente no território francês, buscando reproduzi-lo também em âmbito local.

Em seu trabalho, Bayle afirmava que as alienações mentais e, conseqüentemente, as alucinações, eram causadas por lesões nas faculdades mentais e intelectuais, fato este que fazia com que os indivíduos acometidos da moléstia tivessem sintomas associados ao alienismo. Utilizando como base a classificação de Pinel, Bayle afirmava que as principais classificações (em especial a mania com e sem delírio e a melancolia) eram propícias à produção de alucinações, exceto os casos de demência e de idiotismo, visto que não havia a alucinação dos sentidos nestas doenças, mas sim uma perda parcial (no caso da demência) e total (no caso do idiotismo) das faculdades mentais e da razão.

Destarte, como o nome do artigo já dizia, Bayle analisava as alucinações nos cinco sentidos: tato, olfato, visão, audição e paladar; pois entendia que as alucinações, de um modo geral, estavam associadas a eles. Assim sendo, o autor explicitava primeiro, detalhadamente, como se dava a alucinação com cada tipo de sentido e quais eram os problemas causados no paciente. Ao definir como eram os tipos de alucinações, ele também exemplificava cada caso mostrando as especificidades dos sintomas para determinado tipo de alucinação, concluindo que nos alienados a frequência maior eram as relacionadas à visão e à audição.

Bayle definia a alucinação da audição da seguinte maneira: “estas ilusões são tão variadas quanto às afecções morais que as fazem nascer e os objetos que a elas se referem”<sup>21</sup>. Neste caso, o alienado ouvia vozes que lhe davam ordens e conselhos, e também em alguns casos, estas vozes podiam não ser estranhas, mas serem semelhantes às vozes de parentes ou de pessoas conhecidas, o que fazia com que o indivíduo pudesse ficar ainda mais confuso, pois não seria capaz de discernir se aquilo que ouvia era real ou não. Nas pessoas em que houvesse predominância de sentimentos ligados à tristeza, podia haver, de acordo com o estudioso, um maior número de alucinações ligadas à

---

esta caracterizada por uma paixão triste ou depressiva) e, por último, temos a monomania (que pode ser definida como os delírios parciais de alegria).

<sup>21</sup>BAYLE, Antoine Laurent. Sobre as allucinações dos sentidos p.18.

audição, pelo simples fato de que, ao ser acometido por sentimentos soturnos, as vezes se “apresenta ao infeliz que as sofre, as mais penosas ideias”.

Em relação à alucinação da visão, os indivíduos julgavam estarem corretos ao verem coisas que na realidade não existiam, “uns julgavam reconhecer seus parentes, seus conhecidos, seus amigos nas pessoas que estão em torno deles”. Em outros casos, a pessoa via objetos em sua casa que nunca existiram. Sobre este tipo específico de alienação, Bayle nos apresentava o seguinte caso:

Um antigo empregado que de resto não delirava sobre algum objeto, era todos os dias a uma certa hora, atormentado por uma visão singular. De repente, ele percebia uma aranha suspendida em um fio no seu quarto. Via crescer progressivamente diante de seus olhos, e finalmente encher todo o seu quarto, do qual era obrigado a sair, a fim de não ser sufocado por este horrível e gigantesco animal. Reconhecia que sua vista o enganava, mas não podia resistir a esta ilusão, nem tão pouco vencer o espanto que ela lhe inspirava<sup>22</sup>

Ainda que fosse apto a perceber que aquilo que via não era real, o homem, mesmo assim, não era capaz de desvencilhar-se da sua visão, sendo este um sintoma comum para este tipo de alienação. A pessoa era totalmente capacitada a distinguir o certo do errado, mas, da mesma forma, a visão continuava em sua cabeça. Além disso, poderia ver também objetos, animais estranhos, anjos outorgando-lhe tarefas e até mesmo Deus.

No número subsequente, temos outro artigo de Bayle traduzido e intitulado *Nova Doutrina das Doenças Mentais*<sup>23</sup>, cujo escopo era a análise da concepção sobre doenças mentais. No artigo, o autor começava analisando o conceito de doença mental em Hipócrates (460-370), o médico grego que definira a moléstia mental como a presença de um espírito maligno no corpo da pessoa. Assim sendo, ele iniciava seu artigo afirmando o seguinte:

---

<sup>22</sup>*Idem, ibidem.* p.13.

<sup>23</sup>BAYLE, Antoine Laurent. Nova doutrina das moléstias mentais: Opiniões dos autores sobre a natureza destas moléstias. Artigo traduzido da Revista Médica de Paris. O Propagador das Ciências Médicas, Rio de Janeiro, 1º ano, tomo segundo, n.V, 1827, pp. 125-139

A inteligência e a razão são tão frágeis e de tão numerosas causas que podem ofendê-las que não é de admirar, que a alienação mental tenha se manifestado em todos os tempos, em todos os países, e que a sua origem, de alguma maneira, seja tão antiga quanto à própria espécie humana. A história dos povos mais remotos nos fornece muitos exemplos desta funesta moléstia, que muitas vezes se achava perdida em uma mitologia, por causa dos fenômenos singulares e extraordinários que apresenta durante o seu curso. Uma moléstia que priva o homem das suas mais nobres prerrogativas, que o torna tão frequentemente nocivo aos seus semelhantes e a si mesmo, que é incapaz de viver em sociedade<sup>24</sup>.

Dessa afirmação, podemos retirar a definição essencial de moléstia mental para Bayle, segundo a qual doença mental seria aquele fenômeno que despojava o homem dos seus direitos mais racionais, por causa de seu comportamento muitas vezes ignominioso, levando-o, inclusive, a ser inapto a viver em sociedade. Ou seja, a doença mental cercearia o que havia de mais nobre nos homens, que seria o direito de liberdade, pois, para tratar estes doentes, era necessário trancafiá-los em lugares especializados para que os alienistas, mediante um tratamento adequado, fossem capazes de possibilitar que o paciente restabelecesse seus mais nobres direitos.

Nesse artigo, Bayle apresenta um estudo de série histórica, partindo da análise dos trabalhos de Galeno, até os estudos mais contemporâneos acerca das moléstias mentais. De acordo com sua análise, o conhecimento sobre a loucura teria se modificado consideravelmente desde o momento em que era tratado como assunto ligado aos humores, passando pela relação com as possessões durante o período da Idade Média até o século XVIII e finalizando no séc. XIX, quando a loucura passou a ser tratada como doença que precisava de um tratamento adequado para que pudesse ser curada.

Com isso, percebe-se que Bayle estava atento ao que se tinha produzido até então a respeito da alienação, fazendo um mapeamento bem minucioso a respeito dos autores e de suas principais teorias. No final do artigo, ao tratar da associação do cérebro com as alienações mentais, o autor conclui:

Qual será pois a razão por que estes autores tão justamente célebres, não contemplaram jamais a inflamação crônica das meninges como a causa da

---

<sup>24</sup>*Idem, ibidem.* p.125.

loucura? Parece-nos que se poderiam dar três razões desta singularidade. A primeira é que sendo o cérebro o instrumento das faculdades intelectuais, nada era mais natural do que buscar no mesmo órgão a causa dos desarranjos das funções respectivas. A segunda nasce de que a maior parte dos autores, que acabamos de citar, não tinha observado um número suficiente de doentes, para poderem elevar a uma doutrina geral, e além disto estavam preocupados pela ideia, de que a causa da loucura devia ser uma única alteração do cérebro; porém a principal razão do facto que nós buscamos explicar, consiste em que nenhum dos excelentes observadores, por nós citados, parece ter seguido no estudo desta moléstia, aquela marcha, que pode só conduzir a resultados positivos, qual é a de recolher com muito cuidado e com os mais circunstanciados detalhes grande numero de historias individuais sobre a alienação mental, de submeter cada uma em particular a uma discussão profunda, e de juntar ao depois aquelas que apresentam maior analogia, a fim de que esclareçam assim umas as outras, e possam passando de fato em fato, conduzir-nos a uma doutrina geral<sup>25</sup>.

A seguir, analisou-se o periódico o *Semanario de Saude Publica*, publicado pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro entre 1831 e 1833, que faz a primeira referência a um caso de alienação tratado por um médico brasileiro. Trata-se de um artigo escrito por José Martins da Cruz Jobim<sup>26</sup>, que relatou um caso de melancolia de um cirurgião português presenciado por ele na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. O referido cirurgião português tinha uma vida normal, de acordo com Jobim, até que um dia:

Tendo tido uma disputa com um sujeito, e este o ameaçou revelar certas particularidades da sua vida, o que afligindo-o, desceu ele a Câmara, e ali acometido de grande melancolia pela sua posição desgraçada, resolveu tentar contra sua própria existência. Dissolveu em meio copo de água uma oitava de sublimado corrosivo que se achou na botica do navio, e engolindo toda essa porção de veneno<sup>27</sup>.

Jobim afirmou que, após ingerir o líquido, o indivíduo desmaiou, tendo sido encontrado uma hora depois quando, arrependido de sua atitude, teria pedido que lhe

---

<sup>25</sup> *Idem, ibidem*. p.133-4.

<sup>26</sup> Nasc: Rio Grande do Sul, 1802; Falec: Rio de Janeiro, 1872. Doutorou-se em medicina (1828) pela *Faculté de Médecine* de Paris, e foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, criada em 1829, juntamente com Joaquim Cândido Soares de Meirelles, Luís Vicente de Simoni, José Francisco Xavier Sigaud e Jean Maurice Faivre. Foi lente de medicina legal e toxicologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e um dos redatores da *Revista Médica Fluminense*, publicação da então Academia Imperial de Medicina.

<sup>27</sup> JOBIM, José Martins da Cruz. Invenenamento pela sublimado corrosivo. *Semanario de Saude Publica*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 59, 11 de fevereiro de 1832, pp.275-276.

dessem claras de ovos dissolvidas em água. Posteriormente, este indivíduo teria sido levado ao hospital. No dia seguinte, de acordo com Jobim, o paciente apresentava “fisionomia um pouco incendiada e inquieta [...] desfalecimentos e suores frios<sup>28</sup>”

Nesse relato, podemos perceber a presença de uma característica comum a muitos melancólicos, igualmente observada por Pinel e Esquirol, que era a propensão ao suicídio devido ao desespero em que se encontravam, corroborando assim a ideia de que o desespero era somente um dos ingredientes para a tentativa do suicídio.

A tristeza impetuosa e inesperada, o amor traído, a ambição não alcançada, a honra comprometida, a perda da fortuna, entre outros fatores, perturbavam a razão e privavam o homem de qualquer reflexão. Quando a razão não fosse subjugada, as capacidades de ponderar e raciocinar não corresponderiam mais ao esperado, o homem seria acometido por um delírio agudo e suicidar-se-ia<sup>29</sup>

Como tratamento para o caso relatado, Jobim recomendava sangrias e claras de ovos desfeitas em água (era utilizada popularmente como protetor de mucosa – servia para diminuir a queimação por causa do veneno, provavelmente). Lembrando que, nesse caso, a alienação vem em um segundo plano, visto que a principal meta era combater o envenenamento.

Apesar dos avanços do conhecimento científico da época e da prescrição do tratamento moral para os melancólicos com propensões suicidas, a medicina ainda fazia uso de sangrias para o tratamento de doenças mentais como podemos verificar a seguir:

Apesar das críticas que a sangria havia recebido por parte de Pinel, este afirmava: “estou muito distante de proibir o uso da sangria, e somente me declaro contra seu abuso”. Esta ideia, contida no *Tratado Médico-Filosófico da Alienação Mental ou Mania*, havia surgido ao observar que depois da cura dos doentes ele os encontrava em um estado de grande debilidade de idiotismo, que não traziam outro resultado, na maioria das vezes segundo Pinel, que desgastar as forças vitais e favorecer a passagem da enfermidade para demência. A sangria era indicada para os estados em que se havia: iluminação do rosto com olhos arregalados e loquacidade excessiva, características da proximidade de um paroxismo de mania, e se abstinha de realizá-las durante seu curso; assim mesmo as prescrevia em: “os acessos de

---

<sup>28</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>29</sup> LOPES, Fabio Henrique. Suicídio e saber médico: estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. p.123.

mania periódica regular, e na mania contínua e antiga, e na perda de conhecimento complica com a mania, em espécies de alienação muito rebeldes e as que acompanham muitas vezes sintomas gravíssimos, ou melhor dizendo, quase sempre mortais, e estava contra o seu uso nos estados melancólicos simples ou complicados com hipocondria porque sua característica distintiva era o abatimento. Pinel utilizava as evacuações sanguíneas gerais, sanguessugas locais ou por ventosas escarificadas. Esquirol, no seu *Tratado de Enfermedades Mentales* (1858), mostrou que ao descobrir-se a circulação sanguínea se acreditava ter encontrado a origem e o tratamento das enfermidades. Nos seus alienados isto não foi a exceção pois, com a intenção de curá-los, os sangrava até que terminavam em um estado de demência profunda. As indicações dentro dos hospícios da França para este procedimento eram estados com “sangue quente e abundante”, que devia ser evacuada e refrescada. Por tal motivo, os enfermos sangravam, mesmo estando amarrados os pés e as mãos e um tanque de água fria. Esquirol, do mesmo modo que Pinel, se pronunciava contra de seu abuso, que era algumas vezes tão grande, e referindo-se ter cuidado com alienado que havia sangrado treze vezes em 48 horas<sup>30</sup>.

Jobim manteve a mesma prescrição citada acima e o homem arrefeceu e acabou falecendo. Ao longo do artigo, é possível perceber que, para Jobim, a morte não era apenas decorrente da corrosão química advinda da ingestão de um veneno, mas da própria melancolia, que teria feito o paciente adotar uma atitude extrema para dar fim a sua vida.

### Considerações finais

O foco de análise foi a compreensão sobre as moléstias mentais nos periódicos médicos no Brasil, visto que, com a chegada da Corte portuguesa, quase que instantaneamente foram criadas duas escolas de medicina no território brasileiro: em Salvador e no Rio Janeiro. A criação destas escolas visava a produção principalmente de conhecimento médico e científico no Brasil e o aumento do número de médicos no território brasileiro, visto que, até o começo do século XIX, a quantidade de médicos, como percebemos ao longo da pesquisa, era deficitária. Outrossim, era importante

---

<sup>30</sup>VIESCA, Ma. Blanca Ramos de; CRUZALTA, Andrés Aranda; DULTIZIN, Benjamín; VIESCA, Carlos T. La sangría como recurso terapéutico en las enfermedades mentales en el México del siglo XIX *Salud Mental*, vol. 25, núm. 6, diciembre, 2002, pp. 53-58. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=58262507>. Acesso em 08 de agosto de 2017.

também obter o monopólio do tratamento e da cura de doenças da população, pois como se percebeu, ainda uma grande maioria optava pelos terapeutas populares.

Destarte, optou-se por focar a análise no Rio de Janeiro, que sofreu inúmeras transformações no plano arquitetônico, social e também associado a questões de saúde, principalmente com a criação das escolas de medicina.

No que tange aos periódicos escolhidos para análise, pode-se afirmar a sua importância como espaços de produção e circulação de conhecimento das ciências no Brasil.

### Referências bibliográficas

BAYLE, Antoine Laurent. Sobre as allucinações dos sentidos. *O Propagador das Sciencias Medicas*, Rio de Janeiro, tomo 1, anno 1, n.1, 1827.

\_\_\_\_\_. Nova doutrina das moléstias mentais: Opiniões dos autores sobre a natureza destas moléstias. Artigo traduzido da Revista Médica de Paris. *O Propagador das Sciencias Medicas*, Rio de Janeiro, 1º ano, tomo segundo, n.V, 1827.

FERREIRA, Luiz Otávio. Negócio, política, ciência e vice-versa: uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.11, supl.1, 2004.

FIGUEIREDO, Gabriel. Crime e lou cura - o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século. *Revista de Antropologia São Paulo*, v. 41, n. 2, 1998.

FONSECA, Maria Rachel Froés da; EDLER, Flavio Coelho; FERREIRA, Luiz Otavio. A Faculdade de Medicina no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. *Espaços da Ciência no Brasil (1800-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

FONSECA, Maria Rachel Froés da. A institucionalização das práticas científicas na Corte do Rio de Janeiro. In: KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa (orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil. Das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

\_\_\_\_\_. A saúde pública no Rio de Janeiro imperial. In COSTA, Renato da Gama Rosa; FONSECA, Maria Rachel Froés da; SANGLARD, Gisele; PORTO, Angela (orgs.). *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2008.

FREITAS, Maria Helena Freitas. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *Caderno informativo*: Brasília, v.35, n.3, 2005.

JOBIM, José Martins da Cruz. Invenenamento pela sublimado corrosivo. *Semanario de Saude Publica*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 59, 11 de fevereiro de 1832.

JUNQUEIRA, Julia Ribeiro. A História do Brasil através dos editoriais do Jornal do Commercio — edição comemorativa do centenário da Independência. In MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (orgs.). *Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto: Edufop, 2009.

KURY, Lorelai. A cidade e os médicos no período joanino. In: SCOTT, Ana Silvia Volp; FLECK, Eliane Cristina Deckman. (orgs.). *A corte no Brasil: População e sociedade no Brasil e em Portugal no início do século XIX*. São Leopoldo, RS: Oikos Editora, 2008.

KURY, Lorelai (org). *O iluminismo e Império no Brasil: O Patriota*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2007.

LOPES, Fabio Henrique. *Suicídio e saber médico: estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

MALERBA, Jurandir. *A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808 a 1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

O Patriota, jornal literário, político e mercantil do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n.1, janeiro de 1813.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SIGAUD, Joseph François. Plano de um jornal de medicina, apresentado a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, pelo Sr.Dr. Sigaud, e por este adoptado na sua Sessão de 21 de outubro de 1830. *Semanario de Saude Publica*, Rio de Janeiro, n.1, anno de 1831.

VIESCA, Ma. Blanca Ramos de; CRUZALTA, Andrés Aranda; DULTIZIN, Benjamín; VIESCA, Carlos T. La sangría como recurso terapéutico en las enfermedades mentales en el México del siglo XIX *Salud Mental*, vol. 25, núm. 6, diciembre, 2002, pp. 53-58. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=58262507>. Acesso em 08 de agosto de 2017.